

Colônia Santa Rosa (NW do RS): memórias que compõem sua história ambiental

ADRIANA FÁTIMA CANOVA MOTTER*

99

Resumo: Este artigo apresenta contribuições de narrativas construídas pela metodologia de História Oral para a História Ambiental. As reflexões são fundamentadas em um estudo referente ao olhar sobre o processo de transformação da paisagem em área de produção agrícola, na Colônia Santa Rosa (NW do RS), a partir de 1915, ano de sua instituição; visando conhecer e compreender sentimentos e percepções dos primeiros imigrantes frente à paisagem de floresta densa. A abordagem tem por referência narrativas de cinco depoentes que vivenciaram experiências com suas famílias no processo de construção de um novo espaço, sem pretensões de comparações, julgamentos, interpretações, ou busca de verdades, e sim, com o propósito de mostrar a pluralidade que emerge das falas, valorizando a subjetividade e a maneira de composição da memória e representação do passado de cada um, apresentando assim, a flexibilização e as dimensões que pode atingir a construção histórica pela memória.

Palavras chaves: Memória; História Oral; História Ambiental; Paisagem.

Colonia Santa Rosa (NW of RS): memories that make up your environmental history

Abstract: This article presents contributions narratives constructed by the methodology of oral history for Environmental History. The reflections are based on studies relating to look at the process of transformation of the landscape in the area of agricultural production in the Colony Santa Rosa (NW RS), from 1915, the year of its establishment, seeking to know and understand feelings and perceptions of first immigrants across the landscape of dense forest. The approach is by reference narratives five respondents who experienced experiences with their families in the process of building a new space without pretensions comparisons, judgments, interpretations, or search for truth, but for the purpose of showing the plurality that emerges of speech, emphasizing the subjectivity and the way the composition of memory and representation of the past of each, thus showing the flexibility and dimensions that can reach the historical construction of the memory.

Key words: Memory; Oral History; Environmental History; landscape.



* **ADRIANA FÁTIMA CANOVA MOTTER** é Professora de Geografia. Especialista em Gestão Ambiental e Mestre em Geografia.

Introdução

Este artigo reflete sobre o processo de ocupação e formação do espaço através das narrativas de sujeitos que participaram e/ou vivenciaram ações de transformação da paisagem, na área de abrangência da Colônia Santa Rosa, no noroeste do Rio Grande do Sul, a partir de 1915. As reflexões desenvolvidas estão vinculadas ao estudo que analisou a conduta ambiental imigrante europeia, a partir da percepção dos próprios imigrantes e/ou seus descendentes, usando como concepção metodológica a História Oral.

A construção de narrativas através da metodologia da História Oral representa a possibilidade de compreender fatos históricos recentes, além daqueles registrados por escrito, através da memória dos sujeitos envolvidos nos processos, neste caso, transformações de paisagens e construção do espaço.

A História Oral, vinculada à memória, é uma metodologia que advém junto à renovação histórica. Após o século XX, a memória passa a ser entendida por muitos historiadores como documento e a metodologia para a sua produção é a História Oral, o que era “impensável aos historiadores tradicionais” (ALMEIDA, 2009, p. 214). Trabalhar com a memória dos sujeitos é a possibilidade de “pensar e História como narrativa” (GRAZZIONTIN e ALMEIDA, 2012, p. 30), a qual viabiliza a construção de novos documentos, pois as narrativas, quando transcritas, transformam-se em outra forma de documento, o escrito. Assim, o documento escrito com origem no documento da memória é ao mesmo tempo construção histórica bem como se torna fonte para a mesma por agregar concepções, informações, dados, percepções e crenças ao objeto estudado.

As percepções dos imigrantes europeus e/ou seus descendentes sobre as transformações da paisagem, percebidas nas suas narrativas, são importantes manifestações que contribuem com a construção da História Ambiental na área de estudo, além de agregar-se a outras produções como: Bublitz (2006 e 2008), Correa (2006), Drummond (1991), Figueiró (2005), Oliveira (2007) que entre tantas outras subentendem um mosaico da História Ambiental do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Abordagem sobre os procedimentos metodológicos

Para a construção da História Ambiental da Colônia Santa Rosa a partir de 1915, marco de início da colonização por imigrantes europeus e seus descendentes, utilizou-se da apreciação de materiais impressos, principalmente fotografias e jornais, preservados em museus e de modo especial, narrativas de imigrantes e seus descendentes. Neste estudo, abordaremos as percepções frente às transformações da paisagem na construção do espaço na Colônia Santa Rosa de cinco¹ entrevistados, buscando perceber e compreender o que emerge das falas nas narrativas.

As narrativas podem se constituir em fontes preciosas para a compreensão do passado pela sua amplitude, por representarem crenças, sentimentos, visões de mundo, realidades, ficção, experiências, emoção e razão. Ao tentar conhecer e compreender as percepções dos entrevistados sobre o tema

¹Sylvia Bauken, Waldemar Luiz Pivetta, Walter Helmuth Kegler, Ferdinando Avrella e Luiz Mattiazzi. Todos vivenciaram desde crianças as transformações da paisagem (substituição da vegetação em área de produção agrícola) na Colônia Santa Rosa do noroeste do Rio Grande do Sul.

proposto, transformação de paisagem, não se teve a intenção de construir verdades e/ou fazer comprovações e nem houve interesse em comparar dados ou informações com os registros escritos. Ao contrário, buscou-se construir uma teia de significações entre

o que emergia das falas e aquilo que se encontrava registrado, na tentativa de complementação em enriquecimento, na busca de novas problematizações sobre os reflexos da cultura ambiental europeia na atualidade.

Memórias que compõem História Ambiental



Mutirão para a abertura de estradas em meados da década de 30 no noroeste do Rio Grande do Sul.

Fonte: Acervo fotográfico de Vilson Winkler.

Em 1915, por instituição do governo do Rio Grande do Sul, foi criada a Colônia Santa Rosa, uma das últimas a transformar em área de produção agrícola terras devolutas do Estado. Com a colonização, além dos objetivos econômicos, havia interesse em “branquear a população”², pois antes

² Expressão usada no artigo “História da imigração italiana no Rio Grande do Sul”, disponível em <http://genealogia.prati.com.br/Genealogia/imigracao2.htm> para expressar o processo de introdução da população branca europeia em local habitado até então por miscigenações de

que os núcleos coloniais de imigrantes e/ou descendentes europeus surgissem, o noroeste do Estado era habitado por indígenas que integravam indiretamente as missões jesuíticas, além de espanhóis, portugueses, caboclos e povos de outras nacionalidades e/ou resultantes de miscigenações.

A floresta exuberante³, densa, rica em diversidade animal e vegetal, bem

índios, negros, espanhóis, portugueses, entre outras nacionalidades.

³A vegetação nativa do noroeste do Rio Grande do Sul constitui uma das variações dos

servida de recursos hídricos, sobre um relevo relativamente plano, atraiu um grande contingente populacional direto da Europa e/ou das Colônias Velhas⁴, os quais deixaram para trás conflitos, terras exauridas e densamente povoadas para ocupar uma “região ubérrima, privilegiada pela natureza [...]” (NEHLS, 1940, p.1). Cenário que pode ter tido percepções, sentimentos e significados diferentes entre os primeiros imigrantes.

A possibilidade para conhecermos as representações das ações e atividades desenvolvidas pelos colonos na transformação da vegetação nativa em área de produção agrícola, bem como compreender os sentimentos e percepções frente ao novo espaço, emerge nas lembranças daqueles que vivenciaram diretamente as experiências de transformação da paisagem junto com suas famílias. “As lembranças que trazem um tempo concreto, [neste estudo, pós 1915], são as possibilidades da pesquisa que utiliza a História Oral como base metodológica” (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012, p. 24). Para Neves (2000, p. 122), a História Oral é heterogênea e dinâmica, pela qual é possibilitada a “captação do que se passou, segundo a visão de diferentes depoentes”.

Primeiramente, é importante destacar que trazendo o que emerge nas narrativas dos depoentes sobre os

ecossistemas associados à Mata Atlântica, a Floresta Estacional Decidual, riquíssima em espécies, também denominada por Roche (1969) de floresta subtropical, caracterizada por “espécies de folhas caducas, de cipós e epífitas. É densa e praticamente impenetrável ao homem, a não ser a facção. [...] No Rio Grande, é a “floresta” por excelência” (p.41).

⁴Cardoso (1947:19) situa as “colônias velhas” como a zona e arredores dos rios Jacuí, Gravataí e Taquari.

sentimentos e perspectivas frente a um espaço estranho e desconhecido, não temos a pretensão de comparações, nem de julgamentos e/ou busca de verdades. Ao contrário, nosso propósito com esta abordagem é mostrar a pluralidade que pode emergir com as narrativas da História Oral. As histórias individuais de cada depoente podem inserir-se em micro-histórias “associadas às práticas de memórias, buscando fazer emergir a diversidade, o idiossincrático” (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012, p. 14), valorizando e respeitando as maneiras próprias de ver, sentir e agir de cada indivíduo. Ao buscar as memórias valoriza-se a subjetividade e a ancestralidade, atribuindo à História um caráter menos formal, mais flexível, mais dinâmico e menos linear que a História sob a perspectiva tradicional e oficial de grandes nomes e feitos, carregada de ideologias e simbolismos. Entretanto, precisamos ter cautela para não criar embates entre a História Tradicional centrada em registros escritos, de cunho formal com a flexibilização das construções em História Oral. Ambas têm finalidades, objetivos e características que atribuem diferentes olhares à História, enriquecendo-a.

Da mesma forma, em nenhum momento tivemos a pretensão de interpretar as narrativas, e sim, em criar um “texto dialógico de muitas vozes e múltiplas interpretações” (PORTELLI, 1997, p. 27). O mesmo autor chama a atenção para as diferentes interpretações que podem ocorrer com os fatos históricos. Há as interpretações dos entrevistados, do entrevistador e dos leitores. Essa pluralidade atribui enriquecimento às narrativas construídas pela História Oral. Ainda recorrendo ao mesmo autor

a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os

quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido (PORTELLI, 1997, p. 17)

O objeto a ser compreendido neste estudo, a paisagem em transformação, é constituído, segundo Bosi (1993) de substrato móvel e fluido que é o próprio tempo, ou seja, a significação e a representação dos sujeitos que vivenciaram experiências na construção do novo espaço na Colônia Santa Rosa, muda com as perspectivas do tempo presente. É importante considerar que todo o tempo passado já foi em algum momento tempo presente. O fato de a memória ter acesso livre entre os tempos é que dá para nós a noção e o entendimento do que é tempo. Para Thomson (2001, p. 86) “(...) compomos nossas memórias para dar sentido à nossa vida passada e presente”, ou seja, a percepção dos depoentes quanto aos sentimentos e significados frente ao novo, incerto e estranho, neste caso, a floresta, pode ter sido diferente em outros tempos de suas vidas como também poderá ser diferente, se convidados novamente a contar suas histórias futuramente. Para Almeida (2009, p. 217) “é o presente que faz o chamamento à memória” porque com o passar do tempo mudamos nossa forma de pensar, de perceber o que nos cerca, de interpretar o passado e prever o futuro e “a lembrança é constantemente reformulada pelo que acontece no presente” (*op cit*). Por isso, o passado sob a perspectiva de resignificação é “vivo”, flexível e inacabado⁵,

⁵ Para Le Goff (1990), a partir do século XX, a noção de fato histórico como dado e acabado passa a ser criticado. Assim, a noção de fato

dependendo das expectativas, necessidades e problematizações do tempo presente. Sob esta perspectiva, o significado e a forma de perceber e de representar o que emerge na memória muda, confirmando ser a memória um processo em construção ou em “elaboração” (THONSON, 2001). Segundo Pollak (1992, p.203) “a memória sofre flutuações em função do momento que é articulada, em que ela está expressa. As preocupações do momento constituem um elemento da estruturação da memória”. Fato que evidencia a “memória como um fenômeno construído” (*op. cit*). Construção que compreende a reminiscência da experiência vivida com a representação da mesma, que também pode ser diferente entre as pessoas que partilharam vivências semelhantes.

A partir daquilo que vivenciamos e experimentamos no presente, atribuímos significados ao que vivemos no passado. A escolha, a forma e o sentido daquilo que é lembrado é pautado pela realidade presente, “pelos interesses e necessidades que se apresentam na realidade imediata” (ALMEIDA, 2009, p. 219), ou seja, A lembrança é suscetível às vicissitudes do narrador. Para Neves (2000, p. 109) a memória é “um processo de construção e reconstrução de lembranças no tempo presente”. E ainda, segundo a mesma autora, a metodologia da História Oral estimula a memória, retirando “seu caráter espontâneo, transformando-a em fonte de produção intelectual”.

A lembrança é o nível mais elementar da memória, a qual está enraizada, segundo Bosi (2003), no concreto, no espaço vivido, nas imagens dos objetos. Ao serem convidados a rememorar

histórico começa a ser entendido como uma construção do historiador.

sobre como perceberam o espaço de floresta densa encontrado por suas famílias na Colônia Santa Rosa, os narradores compuseram suas narrativas de uma forma muito própria, carregadas de experiências, sentimentos e percepções em um tempo passado e dos reflexos daquilo que vivenciam no tempo processo, pois como humanos, estão em constante processo de transformações. A forma de construir a representação da memória é individual de cada pessoa, porém a memória é “uma construção social de grupos de indivíduos, que constituem uma comunidade de memória (...)” (ALMEIDA, 2009, p. 212). Ainda, segundo a mesma autora, não há memória puramente individual, pois não há como desconsiderar o contexto social dos indivíduos. Para trazer ao debate sobre memória individual e memória social é importante consultar Pollak (1992) e Halbwachs (2004). A lembrança ou a forma de representar a memória é um ato individualizado, porém, o fato, a experiência lembrada remete a um grupo de convívio do indivíduo em determinado tempo e espaço, com o qual se identifica. Os imigrantes e seus descendentes que trabalharam na construção do espaço da colônia Santa Rosa, pós 1915, podem ser considerados como integrantes de uma comunidade de memória, por partilharem mutuamente vivências e experiências, onde individualmente cada um tem uma forma própria de lembrar e representar. Ainda, retomando a Almeida (2009, p. 217), as questões de nossa memória estão totalmente relacionadas aos nossos pertencimentos, experiências e identidades, construídas com os grupos com os quais convivemos.

Para Sylvia Bauken a paisagem encontrada pelos primeiros habitantes na Colônia Santa Rosa foi comparada a

um “oásis”, se considerar as regiões pedregosas e montanhosas que muitos imigrantes deixaram para trás. Suas palavras expressam que

as terras da Colônia Santa Rosa foram atrativas aos trabalhadores por serem bonitas, planas, com solos de terra vermelha e de pedregulho, abundantes em água e matas, com clima considerado bom para o cultivo de diferentes tipos de vegetação e por ter quatro estações relativamente definidas.

Entretanto, a percepção da depoente que subentende abundância, riqueza e diversidade em patrimônio natural, sinalizando possivelmente progresso e prosperidade, pode não ter prevalecido entre os sentimentos de todos os primeiros habitantes frente ao desafio de colocar por chão a floresta em pé, disponibilizando de instrumentos essencialmente manuais. Como já dissemos anteriormente, os sentidos atribuídos às experiências podem ser diferentes entre os que as vivenciaram, da mesma forma que os sentidos que damos para as nossas memórias mudam com o passar do tempo. Segundo Thomson (1997, p. 57) “nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal”. As dificuldades de adaptação impostas pela limitação de transportes e de recursos tecnológicos, a floresta densa e perigosa em se tratando de animais selvagens e vegetação fechada, pode ter representado perspectivas ambíguas entre os primeiros imigrantes. Para alguns pode ter despertado fascínio e para outros, medo.

Walter Helmuth Kegler traz em suas narrativas reminiscências menos otimistas ao lembrar-se das palavras de seu avô paterno que dizia: “se eu soubesse que era assim, eu nunca teria trazido minhas filhas para cá”. A mãe

de seu Walter, por exemplo, migrou para o Brasil com 12 anos e nunca se adaptou, nem sequer aprendeu a falar português. O entrevistado ainda acrescenta que as características na paisagem podem ter levado os primeiros a passar fome, pois não conheciam os frutos do mato e demorou até a colheita dos primeiros produtos.

Para Waldemar Luiz Pivetta, os imigrantes, especialmente os italianos, dos quais é descendente, a busca de novas terras “estava no sangue”. O importante para eles era se “tornar senhores” e explorar uma área grande de terra, o que significava a própria existência. Com esse intuito, os

imigrantes não tinham receios, pois sabiam que tudo o que faziam seria deles. De modo especial, para o italiano, a propriedade era algo valioso, que representava riqueza e orgulho para a família e os filhos, no futuro. Para as primeiras famílias as quais coube a tarefa do começo da eliminação da floresta, possivelmente, ter trabalho, escola, igreja, estradas, moinhos, serrarias e a possibilidade de ofertar aos filhos, quando adultos, terra para continuar a produção, representava progresso. “Quando chegavam, as primeiras preocupações eram em erguer a casa e a igreja”, aborda Luiz Mattiazzi.



Engenho para a extração do caldo de cana utilizado na fabricação de aguardente e açúcar. O trabalho era familiar com a ajuda de alguns vizinhos. Fotografia de 1932, em Lajeado Caneleira, interior do município de Tuparendi.

Foto: Acervo fotográfico de Luiz Mattiazzi

“A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo” (PORTELLI, 1997, p. 15), mesmo a memória sendo moldada de uma forma ou de outra pelo meio social, “o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais” (*op cit*, p. 16). A memória é elaborada e

estruturada socialmente, inerente ao grupo de convívio, seja familiar ou comunitário, entretanto somente os seres humanos em sua individualidade são capazes de guardar lembranças.

Se considerarmos a memória como um processo, e não um depósito de

dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta somente quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16).

Ao serem convidados a rememorar sobre a produção agrícola nos primeiros momentos da colonização percebemos com clareza a relação entre o tempo vivido a múltiplos tempos, neste caso, a relação entre o tempo proposto no estudo (antigamente) e o tempo presente (hoje). É o “tempo da memória” (LE GOFF, 1990, p. 9) que atravessa e alimenta a história. Assim Ferdinando Avrella construiu sua narrativa

(...) feijão preto, batata doce, mandioca, abóbora, milho, alfafa, etc. **Tudo rendia** muito e **não precisava** de adubo. Eu plantava o feijão preto no meio do milho e **colhia boa produção** de feijão e de milho também. A mandioca, a batata doce, a abóbora e o milho eram usados na lavagem para os porcos. Os porcos serviam para o consumo da família e o que sobrava vendia no comércio próximo. **O lucro era garantido**, pois os alimentos dos porcos eram todos colhidos na roça. Para o gado, plantava alfafa. **Criava galinhas a vontade**, vacas para a produção de leite e terneiros para a carne. O arroz era produzido com água do açude. Também caçávamos muito:

pombas, pavão e jacu... (grifos nosso)

As expressões grifadas expressam, ainda que de forma indireta “a elaboração da memória” (THOMSON, 2001, p. 86) criando, recriando e ressignificando lembranças a partir das percepções do narrador sobre o tempo presente do espaço em estudo. Num primeiro momento, pós 1915, o colono imigrante europeu participou ativamente da supressão da vegetação nativa, porém, é oportuno destacar que ao passo que desaparecia a vegetação, aparecia outras espécies, principalmente em pomares. Foi desta forma que Luiz Mattiazzi representou a produção agrícola no início da colonização

Antigamente se produzia muita maçã, pois era muito frio. Hoje não dá mais tanto frio. Os invernos não são tão rigorosos. Antigamente, as geadas eram intensas, hoje, em alguns lugares nem sequer a geada “mata” o chuchu, que é tão delicado. O clima mudou muito, ficou mais instável. Também se produzia castanha. Agora conheço um único lugar que tem, porém as castanhas são falhadas. O cultivo do arroz, da cevada, do centeio, da lentilha e da linhaça foi abandonado. Tudo era produzido para o sustento das famílias e para o comércio. O que ainda se produz, porém, em raros casos, é o fumo, a fava e batata inglesa. Quanto aos ervais nativos que haviam ficado do desmatamento, foram todos arrancados pelas máquinas. Hoje alguns foram replantados.

Seja de origem local ou exógena, a diversidade de espécies foi uma marca do trabalho do colono europeu. A prática de diversificar a produção nos primeiros momentos da colonização com fortes características ao perfil europeu pode ser relacionado ao que Pollak (1992) aborda como elementos

constitutivos da memória “vividos por tabela”, ao referir-se àquilo vivido pelo grupo do qual nem sempre o indivíduo participou, porém, está presente no seu imaginário, com fortes vínculos herdados e transmitidos de geração em geração. Distintas razões motivavam a prática da policultura. O acesso a produtos externos era dificultado pela restrição do comércio e diversificar a produção fazia parte da cultura herdada de seus antepassados. Em uma das entrevistas⁶, Luiz mostrou com orgulho o pomar que cultivava em sua casa, expressando sentimentos de compromisso com preservação da tradição, costumes e conhecimentos da infância. Cada árvore que mostrava servia como evocadora da memória, trazendo à lembrança informações, fatos, acontecimentos diversos desde sua infância. A evocação é considerada substrato da memória. Evocadores são estimuladores que podem ser visuais, concretos, sonoros, entre outros. A própria lembrança é evocadora de memória. O estímulo ao ato de lembrar fortalece a memória. Lembranças estimuladas podem evocar outras, como aborda Bosi (1994) “lembrança puxa lembrança” (p.39). Luiz Mattiazzi demonstrava sentir ambição pela lembrança, ou seja, queria lembrar sempre mais, como se necessitasse de um “escutador infinito” (*op cit*), porém nem tudo fica registrado e gravado, a memória é seletiva (POLLAK, 1992) e é “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39). A postura de comprometimento e responsabilidade com a lembrança expressada pelo

entrevistado (Luiz Mattiazzi) demonstrava a grandiosidade e o orgulho que sente por seu conhecimento sobre o passado. A entrevista foi “a oportunidade de ter a própria história registrada, podendo transmiti-la [...] a outras pessoas, contemporâneas e futuras, em especial as pertencentes a círculos dos alcançados pelo próprio informante” (AMADO, 1997, p. 153).

Para a memória, assistemática, o tempo não tem caráter linear, mas abarca o “tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos e simbólicos” (LE GOFF, 1990, p.09), o “tempo da memória” que atravessa a história e a alimenta. “Trago isso de casa”, foi a expressão utilizada por Luiz Mattiazzi, quando fez referência ao seu hábito de plantar árvores, especialmente frutíferas, reproduzindo experiências hoje de um tempo significativo e simbólico.

Ao trazer o passado até o presente, [a memória] recria o passado, ao mesmo tempo em que projeta o futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado e, o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos de tempo (AMADO, 1995, p. 132).

Portelli (1997) diz que umas das primeiras lições de ética em História Oral é o respeito a ser atribuído a cada entrevistado e ainda enfatiza que “cada entrevista é importante, por ser diferentes de todas as outras” (p. 17). De forma diferente dos outros, Sylvia Baukem rememora a produção agrícola no início da colonização expressando a memória como “espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações,

⁶ Com este entrevistado ocorreu mais de um encontro e percebi que se o estudo continuasse, estaria disposto a contribuir ainda mais. A possibilidade de mais de um encontro com o entrevistado contribui intensamente para o adensamento das narrativas.

objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas” (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 420).

Os imigrantes procuraram construir, plantaram rosas, bananeiras e jasmims, árvores frutíferas trazidas de longe, faziam experimentos de sementes que encontravam. As casas eram feitas com porões de pedras tiradas dos rios para conservar alimentos, ali eles tinham adegas. Minha avó sempre tinha coisas boas para oferecer, ou era vinho, suco, queijo, nata... Que saudade! Tinha uma lameda de plátanos longa do portão até a porta da casa (SYLVIA BAUKEN).

Dependendo do significado que as experiências e vivências tiveram às pessoas, as narrativas podem ser expressas com nostalgia ou alegria em “arquivos orais” (LE GOFF, 1990, p. 6) carregados de subjetividade e sentimentos, nos quais é imprescindível

a sensibilidade do entrevistador em perceber a riqueza e a grandiosidade daquilo que costumeiramente é considerado simples e/ou de pouco valor. A casa da avó de Sylvia Bauken é para ela um “lugar de memória” por guardar em sua lembrança imagens de um tempo passado repleto de significado, expresso inclusive nas diferenças de tom de voz.

“O passado é uma construção e uma reinterpretação constante (...)” (LE GOFF, 1990, p. 19). Se continuássemos a buscar mais narrativas representadas nas memórias das pessoas e ou descendentes que vivenciaram a construção do espaço na Colônia Santa Rosa, sob a perspectiva de colonização europeia, teríamos talvez, sem exagero, uma abordagem imensurável, ou pelo menos, em larga amplitude, considerando a capacidade da memória como fonte documental.



Fumaça que permanecia por vários dias nos troncos grossos das árvores derrubadas no desmatamento para substituir a floresta por área de produção agrícola no noroeste do Rio Grande do Sul.

Fonte: Acervo fotográfico de Wilson Winkler

Algumas considerações para encerrar esta reflexão

A construção de narrativas através da metodologia da História Oral é uma oportunidade ímpar a historiadores que desejam construir a história com mais adensamentos, pluralidades e diversidades, considerando a heterogeneidade que permeia fatos, acontecimentos, eventos, personagens. Enfim, a história é “viva” por estar em constante processo de construção e desenvolvimento. Assim sendo, é dinâmica, interdisciplinar e relativa a lugares e espaços. Segundo Le Goff (1990), Bloch (mentor da escola de Annales), não gostava da definição “a história é a ciência do passado” (p.17) e considerava absurdo o passado ser objeto de estudo da história. Para Bloch, segundo Le Goff, a história é a “ciência dos homens no tempo” (p.17).

Assim sendo, a história é inerente à vida humana, ou seja, é construída nas vivências, nas trocas, nas experiências e nas relações e é representada por imagens, símbolos e palavras. Estas últimas, expressadas de forma escrita ou verbal, entre as quais, pode haver trocas de representações, de escrita para verbal e vice-versa. A História Oral, neste contexto, tem duplo significado, de um lado aparece como instrumento de representação histórica e de outro como construtora de fontes através do registro das narrativas, produzindo e/ou transformando “em documentos as memórias orais de diferentes sujeitos” (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, 2012, p. 12).

Ao produzir narrativas pela História Oral, o pesquisador deve ter sensibilidade e pré-disposição à mudança, pois aquilo que emerge das falas dos entrevistados pode construir como desconstruir preconceitos, opiniões, ideias, concepções. Da mesma

forma que o pesquisador precisa ser sensível para perceber aquilo que emerge das falas, do silêncio, das expressões, dos choros, das diferenças do tom de voz, construindo uma cumplicidade de confiança, valorização e respeito com o entrevistado. Também cabe ao entrevistador atribuir relevância e importância àquilo que emerge nas narrativas, libertando-se de conceitos que mensuram fatos, percepções, sentimentos e opiniões. Dito de outra maneira, aquilo que tradicionalmente pode ser considerado simples para alguns, para outros pode ter grande valor. E ainda, ao trabalhar com História Oral é imprescindível que as ações sejam conduzidas com ética, como em qualquer outro trabalho de pesquisa. Neste campo de abordagem, Thomson (1997), Amado (1997) e Portelli (1997) nos trazem importantes contribuições e reflexões.

Para finalizar, trabalhar com a memória não é ter a pretensão do singular, e sim, a pluralidade e a valorização do objetivo e subjetivo, do visível e invisível, do pouco e bastante, do concreto e abstrato, num constante processo de construção, desconstrução e reconstrução, ressignificando lembranças no tempo presente, como confirma Almeida (2009, p. 217), a relação entre o passado e o presente caracteriza-se por um processo constante de construção e reconstrução das experiências lembradas. A memória não é a história e sim um elemento indispensável que a enobrece e a enriquece.

Referências

ALMEIDA, D. B. As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v.13, n. 27, p. 211-243, jan./abr./2009. Disponível em <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em 10 de maio de 2013

- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, 14:125-136, 1995
- AMADO, J. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Proj. História**, São Paulo, (15), abril, 1997
- BOSI, E. A Pesquisa em Memória Social. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2) p. 277-284, 1993
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. O tempo vivo da memória. **Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Industrial, 2003
- BUBLITZ, J. Desmatamento Civilizador: A História Ambiental da Colonização Européia no Rio Grande do Sul (1824-1924). In: III ENCONTRO DA ANPPAS, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília, 2006. Disponível em http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA604-01032006-134852.PDF. Acesso em 15 de junho de 2011
- _____. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.11, nº2, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v11n2/v11n2a08.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2010.
- CARDOSO, V. **Município de Santa Rosa**. Porto Alegre: Of. Gráf. da Livraria do Globo, 1947.
- CORREA, S. M. de S.; BUBLITZ, J.. **Terra de Promissão: Uma introdução à Eco-História da colonização do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Editora Universitária, 2006.
- DRUMMOND, J. A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 4(8): 177-197, 1991. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/Article/2319>. Acesso em 20 de novembro de 2009
- FIGUEIRÓ, A. S. **Mudanças Ambientais na Interface Floresta-Cidade e Propagação de Efeito de Borda no Maciço da Tijuca- Rio de Janeiro, RJ**. Tese (Doutorado em Geografia). 2005. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- GRAZZIOTIN, L. S. e ALMEIDA, D. B. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1990.
- NEHLS, W. F. **Guia Geral de Santa Rosa – Indicador comercial e profissional**. 1ª ed. Santa Rosa: Tipografia Nehls, 1940.
- NEVES, L. de ALMEIDA. Memória, história e sujeito: substrato da identidade. **História Oral**, 3, 2000, p. 109-116
- OLIVEIRA, R. R. de. Mata Atlântica, paleoterritórios e história ambiental. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 10, nº. 2, p.11-23, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n2/a02v10n2.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2011.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p. 200-212
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, São Paulo, (15), abril, 1997
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol.III: século XX, 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011
- THOMSON, A. Memórias de Anzac: colocando em prática teoria da memória popular na Austrália. **História Oral**, 4, 2001, p. 85-101
- _____. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História – Proj. História**, São Paulo, (15), abril, 1997
- ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: E. Globo, 1969.

Recebido em 2014-07-09
Publicado em 2014-12-10